

8.02.10 – Letras/Literatura Comparada.

AS HORAS DE MRS. DALLOWAY: UM ESTUDO SOBRE A REESCRITA DO ROMANCE DE VIRGINIA WOOLF POR M. CUNNINGHAM E SUA TRANSPOSIÇÃO PARA O CINEMA.

Alessandro Felipe Silva Nascimento¹, José Carlos Felix²

1. Licenciado em Letras/Língua Inglesa e Literaturas na UNEB DCH IV

2. Professor do Curso de Letras/Língua Inglesa e Literaturas na UNEB DCH IV / Orientador

Resumo:

O objetivo desta pesquisa consiste em examinar de que maneira o romance *The Hours* (1998) de Michael Cunningham e a adaptação cinematográfica homônima (2002), do diretor Stephen Daldry, constroem-se como releituras e reescritas do romance *Mrs. Dalloway* (1925) de Virginia Woolf, mediados por uma relação de palimpsesto entre os dois romances e o filme respectivamente. Para isso, analisamos como a configuração da reescrita do romance de Woolf por Cunningham se estrutura utilizando a técnica narrativa *mise en abyme* e, por sua vez, quais recursos narrativos são empregados por Daldry no processo de transposição do romance de Cunningham para o formato cinematográfico a fim de compreender até que ponto as estratégias narrativas do código fílmico mimetizam as estratégias narrativas constitutivas do texto literário.

Palavras-chave: Literatura; Alto Modernismo; Adaptação cinematográfica.

Apoio financeiro: CNPq.

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Introdução:

O romance contemporâneo *The Hours* (1998), do escritor norte-americano Michael Cunningham, recebeu este título em homenagem ao icônico romance modernista *Mrs. Dalloway* (1925), da escritora britânica Virginia Woolf, título que, por sua vez, originalmente o nomearia. A opção por esse título em seu romance extrapola a mera ou distante alusão ao romance de Woolf, uma vez que Cunningham deliberadamente toma a narrativa como um (pré)texto para (re)ler e (re)escrever o texto woolfiano por meio de um deslocamento do foco na personagem título do romance para a temporalidade do enredo, marcada por eventos em apenas um único dia, proposta também do romance woolfiano, porém construída por meio da técnica de fluxo de consciência. A partir dessa premissa, deslindamos nossa hipótese de leitura para essa pesquisa, cujo objetivo pautou-se primeiramente no exame das estratégias empregadas no romance de Cunningham para se inscrever como uma releitura e reescrita do livro *Mrs. Dalloway*, convertendo o fluxo de consciência do texto woolfiano em uma estrutura tripartida (personagem; enredo; tempo/espço) por meio da técnica de *mise en abyme*. Do mesmo modo, o continuum desse processo de reescrita do romance de Woolf se apresentou como um segundo objetivo da pesquisa, ao examinarmos os recursos e técnicas narrativas utilizadas pelo cineasta britânico Stephen Daldry no processo de adaptação do romance de Cunningham para o formato cinematográfico.

Metodologia:

O método de trabalho desta pesquisa se pautou em uma abordagem bibliográfica em que o *corpus* foi delimitado aos seguintes objetos: o romance *The Hours* (1998) de Michael Cunningham e o filme *As Horas* (2002) do diretor inglês Stephen Daldry. O propósito de estabelecer uma comparação entre as reescritas de *Mrs. Dalloway* por Cunningham e Daldry levou em consideração que ambos ecoam e espelham a obra de Virginia Woolf, e nesse sentido, analisamos os objetos a partir dos conceitos de reescrita, palimpsesto e adaptação cinematográfica. Para tanto, o foco metodológico deste projeto se deu em três eixos: o primeiro se deteve a análise estrutural do romance de Cunningham, no qual exploramos o elemento fomal “ponto de vista” a partir dos postulados de FRIEDMAN (1967) e HUMPHREY (1962). O primeiro teórico traça categorias dos modos distintos de percepção na tradição literária, o que nos possibilitou a compreensão da tripartição das protagonistas em contraste com a unicidade promovida pela técnica narrativa fluxo de consciência, que caracteriza o romance woolfiano e sobre a qual Humphrey elucidou; o segundo eixo examinou os processos de releitura e reescrita do romance de Cunningham em relação ao romance woolfiano, e para evidenciar as características que apontam tal relação de espelhamento, utilizamos os conceitos de palimpsesto, releitura e reescrita (NITRINI, 2010; LEFEVERE, 1992; GENETTE, 2006). Genette parte da concepção de palimpsesto, entendida inicialmente como um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo, para a relação intertextual entre textos. Nesse sentido, consideramos como transparências as marcas textuais do romance *Mrs. Dalloway* em *The Hours*, marcadas pelas transformações ou imitações de um texto anterior reescritas pelo novo texto. De acordo com Lefevere (1992), para além do conceito de palimpsesto, a reescrita pode redimensionar significações e, toda reescrita, que em si resulta de um processo de releitura, é uma ação de manipulação. Com efeito, todas as transformações, imitações e redimensionamentos atestam *The Hours* como uma reescrita. Por fim, o terceiro e último centrou-se no processo de adaptação do

romance para o formato cinematográfico, pautado na teoria de adaptação cinematográfica de HUTCHEON (2006), MCFARLANE (1996) e ANDREW (2000). Nesse eixo, os textos teóricos confluem com a noção que a adaptação implica um processo de leitura e recriação a partir de uma obra anterior e por isso, a natureza de uma adaptação, segundo Hutcheon (2006), é também de um palimpsesto, porém operado na relação entre mídias distintas o que nos leva de volta aos conceitos-chave que nortearam o delinear metodológico desta pesquisa: palimpsesto, releitura e reescrita.

Resultados e Discussão:

Esta pesquisa assinala que o romance de Cunningham se constrói como uma releitura e reescrita do romance *Mrs. Dalloway* (1925) de Virginia Woolf por estabelecer-se como palimpsesto da obra da escritora modernista inglesa. Este processo de reescrita ocorre por meio da técnica narrativa *mise en abyme*, que, por sua vez, se estrutura por meio de uma tripartição dos elementos formais: personagem, enredo, espaço e temporalidade (sendo esses dois últimos elementos tratados na análise como uma categoria única, dada a imbricação de ambos na narrativa modernista). Do mesmo modo, a tripartição dos elementos estruturais a reescrita elaborada por Cunningham na narrativa de seu romance desdobra cada um desses elementos supracitados em mais três ramificações, ampliando assim as refrações da estrutura em *mise en abyme*, a saber: 1) a *Mrs. Dalloway* woolfiana converte-se em três personagens particularizando a função de cada uma dessas na estrutura composicional do romance: Clarissa Vaughn (dada sua função agônica que reencena os dramas vividos pela personagem título do romance de Woolf), Laura Brown (a leitora do romance) e Virginia Woolf (a escritora); 2) o enredo se divide em três linhas ou camadas narrativas também aparentemente distintas entre si, porém sobrepostas e, por vezes, vazadas umas nas outras na forma de palimpsestos dada a natureza análoga dos dramas pessoais vividos por cada personagem, acerca dos processos de escrita, leitura e trama do romance – Virginia Woolf encontra-se no processo de escrita do romance, Laura Brown cria uma identificação com o universo literário do romance por meio de uma projeção, enquanto Clarissa literalmente encarna os dramas contidos na narrativa do livro de Woolf; 3) Nova Iorque (em plena virada do século XX e milênio), Los Angeles (1949), no contexto pós Segunda Grande Guerra e Londres (1923), no contexto do pós Primeira Grande Guerra convertem-se nos três espaços e temporalidades, aparentemente distintos, porém ligados pelo *ethos* das três personagens que os habitam.

Esse esquadramento da releitura e reescrita do romance de Woolf por Cunningham expõe uma estrutura de dilatação dos elementos estruturais (personagem, enredo, tempo e espacialidade) por meio da *mise en abyme*, expondo um procedimento diametralmente oposto àquele proposto por Woolf, na qual todos os personagens e tramas são condensados no fluxo de consciência da protagonista Clarissa Dalloway e em um único dia (tempo), na cidade de Londres (espaço). Do mesmo modo, a configuração tripartida em seções do romance de Cunningham não permite que o jogo de palavras constitua o fluxo de consciência que promove a conjunção de pontos de vista e as digressões do pensamento característico da escrita de Woolf. Portanto, concluímos que esta tripartição circunscreve as personagens a suas seções distendendo a senhora Dalloway em Laura Brown e Virginia Woolf e em outras espacialidades e temporalidades por meio do espelhamento. Esta estrutura que instaura a dilatação/tripartição é promovida pela *mise en abyme*, que se revela por meio do reflexo de Dalloway tanto na leitura de Laura Brown quanto na escrita de Woolf.

Nesta narrativa de encaixe, Cunningham aloca Clarissa Vaughn (Dalloway) no eixo central da narrativa como estratégia para a ampliação e tripartição a partir do qual dos outros dois planos da narrativa desenvolvem. Por sua vez, a adaptação cinematográfica também utiliza a estratégia de tripartição e a realiza por meio da montagem. Contudo, a reescrita desenvolvida por Daldry recupera o aspecto digressivo do texto de Woolf, no qual o enredo é condensado na protagonista, as outras personagens e seus fluxos de pensamento, suas histórias e memórias são condicionadas as ações da Clarissa e, por esta razão, há um sentido restauração da unicidade entre as personagens recuperado pelo emprego de elementos fílmicos: planos e enquadramentos similares para cada personagem principal; elementos de *mise en scène* que, alinhados à montagem paralela, aproximam personagens, tempo e espaço; trilha sonora minimalista que produz um continuum que alinhava e reaproxima a tripartição, reescrevendo e restaurando assim a unicidade que característica da escrita ficcional de Virginia Woolf.

Conclusões:

Concluímos, portanto, que as reescritas (o romance e a adaptação cinematográfica) se estabelecem como *palimpsestos* do primeiro texto, e esse processo se deu por meio de técnicas narrativas características do literário e cinematográfico. Na primeira reescrita, os palimpsestos são dados por meio da *mise en abyme* que estrutura a narrativa de encaixe de modo tripartido. Por sua vez, a adaptação cinematográfica de Daldry estabelece também uma narrativa tripartida, contudo, transparece além dos elementos estruturais do texto de Woolf, a proposta de unificar as personagens, e isso ocorre por meio dos enquadramentos e ângulos similares para as três protagonistas. Ambas as reescritas, romance e filme, se configuram sem ocultar traços marcantes do texto woolfiano, ao contrário, as transparências, transformações e imitações engendram um processo de reescrita em que uma textualidade antiga se revela sob a nova.

Referências bibliográficas:

- ANDREW, D. "Adaptation". In: NAREMORE, J. (Org.) **Film Adaptation**. New Jersey, Rutgers University Press, 2000, p. 28-37.
- CUNNINGHAM, M. **As horas**. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **The Hours**. New York: Picador, 1998.
- DALDRY, S. dir. **The hours** [As Horas]. Com Meryl Streep, Julianne Moore e Nicole Kidman. EUA, 2003, 115 min.
- FRIEDMAN, N. **O ponto de vista na ficção**: o desenvolvimento de um conceito crítico. Revista USP. No 53, 2002, p. 166-182.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Tradução de Luciene Guimarães e Maria Antônia Ramos Coutinho. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006.
- HUMPHREY, R. **Stream of consciousness in the modern novel**. London: Cambridge University Press, 1962.
- HUTCHEON, L. **A Theory of Adaptation**. London/New York: Routledge, 2006.
- LEFEVERE, A. "Composing the other". In: LEFEVERE, A. **Translation, rewriting and the manipulation of literary fame**. Londres/Nova York: Routledge, 1992.
- MCFARLANE, B. **Novel to film an introduction to the theory of adaptation**. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- NITRINI, S. "Conceitos fundamentais." In: **Literatura comparada**: história, teoria e crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010 (Acadêmica; 16). p. 19 – 124.
- WOOLF, V. **Mrs. Dalloway**. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- _____. **Mrs. Dalloway**. [s.l]: [s.n], 1925. Disponível em:
<<http://gutenberg.net.au/ebooks02/0200991h.html>> Acesso em 14 ago. 2017.